

APOKOLOKÝNTOSIS DE SÊNECA

por Amós Coêlho da Silva UERJ / UGF

Resumo: Não é apenas com os *moralis philosophiae libri*, livros de filosofia com moral que Sêneca alcançou renome, como é costume mencionar o seu prestígio entre os moralistas franceses. Afinado com os conflitos e angústias de seu tempo, nos legou os atos falhos e desencontros dos governantes da época dos Césares, mas captando o perene da essência da condição humana através do riso e, como mais modernamente se diz, da carnavalização, relacionando morte, tristeza, repressão, degradação moral e incontinência das necessidades fisiológicas com, respectivamente, vida, alegria, livre arbítrio, altivez e educação social.

Há uma obra de Sêneca, *Apokolokýntosis*, em estilo sarcástico de sátira menipéia, que é uma paródia das célebres apoteoses na velha Roma dos césares, as quais foram decretadas pelo Senado a propósito de uma estrela cadente na data da morte de Júlio César, conforme crença popular e consagração pelo grande vate Vergílio, conforme uma das alusões (*sidus Julium*) nas *Bucólicas*. O título dado por Sêneca fora *Ludus de Morte Claudii Caesaris*, ou *Divi Claudii Apotheosis per satiram*, ou ainda simplesmente *Ludus*, mas a obra se immortalizou com o título *Apokolokýntosis* – a metamorfose da abóbora - expressão do historiador Dión Cássio (II d.C.).

Palavras-chave: ironia; paródia; sátira menipéia.

I - Introdução

Lucius Annaeus Seneca, Lúcio Aneu Sêneca, ou simplesmente Sêneca o Filósofo, provém de tradicional família inclinada à atividade intelectual. Seu pai, Sêneca o Retor, cultivou a retórica e nos legou *Oratorum et Rhetorum sententiae Divisiones Colores*, em X livros, inclusive com a marca do seu descontentamento em relação ao *status quo* da educação: *In scholastica quid non supervacuum est, cum ipsa supervacua sit?*, *Nos exercícios escolares o que não é inútil, quando a mesma escola é inútil?*¹ (*Contr. III Praef.*)², e sua mãe Hêlvia fruiu longas leituras sobre as meditações filosóficas, de cunho estóico, do próprio filho Sêneca.

O futuro educador de Nero alicerçou também sua moral de base

estóica na filosofia epicurista. Na expressão de Ettore Paratore (1983: 577): *nenhum escritor latino, excepto Lucrécio, cita e louva Epicuro como este seguidor do estoicismo*, cumprindo assim certa tendência dos escritores latinos: a de reconciliar as aparentes contradições dos gregos, neste caso, ressaltada a partir de Cícero, já que a oposição epicurista não nasceu de uma reação ao estoicismo, pois era o Jardim anterior ao Pórtico, e só na época de Cícero o confronto se consolidou. Sêneca numa espécie de *contaminatio*, *contaminação*, como já ocorrera com Vergílio, que uniu as temáticas da *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero, na sua *Eneida*, uniu a *tranquilla quies*³, *o viver tranqüilo do campo*, recomendação epicurista, com o estóico universo regido por *Lógos* e a ascese do domínio da paixão. Jules Humbert considera Sêneca sincero e resalta que as contradições de sua vida estão também na sua obra. O seu idealismo filosófico provém do seu mestre Sotion de Alexandria, o qual propôs a fusão da moral estóica com o ascetismo de Pitágoras. O seu desejo de perfeição moral foi no sentido de coadunar sua vida com alguns princípios filosóficos, como a prática do regime vegetariano sem sacrifício, mas, ao contrário, com satisfação, conforme confissão nas suas *Cartas a Lucílio*, 108. Nesta mesma passagem nos declara a sua ambição. Este é um procedimento pragmático, ou seja, o lado estóico historicamente tardio em Roma, como o entendeu muito bem Rachel Gazolla (1999: 134), quando afirma que:

A designação estóico – que passa a ter o caráter de altivo, heróico – é a construção vagarosa do tempo e se inicia com esses práticos pensadores da época dos césares. Como grandes participantes da história política romana, levarão as profundas teorias dos fundadores para outra direção. É o caso de Sêneca, Musônio Rufo, Marco Aurélio.

Eis um pilar de seu comportamento social que se encontra nas *Epistulae Morales ad Lucilium*: admiráveis quanto à sua mensagem moral, exprimindo a sua posição de diretor de consciência, no sentido cristão, como se Sêneca discursasse para fiéis do cristianismo. É nelas que reconhecemos existir *efectivamente o grande testamento espiritual do autor*⁴. Os seus temas se sucedem em itens como 1) qual seria o ofício do filósofo?; 2) o desprezo da morte - sua posição como mártir, semelhante aos que construíram historicamente o cristianismo e só se distancia dos cristãos porque admitia o suicídio; 3) o que é a sabedoria, a pobreza e a

felicidade; 4) a condição dos escravos... Tudo isso terminou por criar a hipótese de uma correspondência com São Paulo, bem como, mais tarde, viria a conquistar a Idade Média, um momento especialmente teocêntrico, o qual buscou avidamente a reconciliação entre o paganismo e o cristianismo.

Seria muito truísmo admitir Sêneca como corrupto, só por colher informações consagradas nas repetições seculares. Por tudo que temos documentado e o que também depreendemos de sua obra, verificaremos que a tradição não só propiciou uma imagem acomodada no açodamento de muitos comentaristas mas também decretou injusta condenação. No dizer de G. Leoni *o destino (...) fez chegar até nós as acusações e destruiu as defesas. Por sorte, existe grande parte da obra literária*⁵.

Inicialmente, dedicou-se ao exercício do *forum*, onde alcançou rápido sucesso, mas também angariou o ódio do Imperador Calígula por emitir juízo que o desagradou. Foi salvo justamente pela sua saúde vulnerável. Os conselheiros de Calígula asseguraram que ele não sobreviveria ao simples passar do tempo, devido à sua compleição debilitada Calígula admitiu a iminente morte natural, que, ao contrário, não veio.

Como se vê, o mecenato do tempo de Augusto saíra de moda. O sucessor deste, Tibério, sentia-se ameaçado e desconfiava de todos, incentivando os delatores, ávidos dos favores imperiais. Em seguida, o Senado e a nobreza foram humilhados por Calígula que chegou ao ponto de decretar o seu cavalo *Incitatus* como senador e, até mesmo, este equino ser merecedor de manifestas honras senatoriais. Provocou tanto ódio que resultou no seu assassinato, o que não deu tempo ao *Princeps* de indicar o seu sucessor, já que a designação do sucessor imperial era de sua competência: a sucessão dos mandatários imperiais anteriores não ocorrera no plano consangüíneo hereditário, mas por escolha de herdeiros do seu patrimônio particular.

A pressão da guarda pretoriana, que sempre fora contra o governo republicano, elegeu Cláudio César Germânico imperador, selando a sorte de Roma funestamente com outros exemplos futuros de eleição pressionada pelos soldados.

A personalidade de Cláudio não era talhada para o mundo político. Era culto, mas tímido; era honesto, reconhecia os direitos do Senado na

administração, justiça e legislação, mas deixou-se envolver por interesses familiares, os quais não perderam oportunidade de conquistar favores e vinganças pessoais, criando uma rede de corrupção perigosa. Sua primeira mulher, Messalina, famosa pelos seus excessos, foi morta em 48 por ordem de Cláudio. No ano de 41, conta-se que Messalina tramou e conseguiu a morte de Júlia Livila, irmã de Calígula e de Agripina, pondo a culpa em Sêneca que, por isso, cumpriu exílio na Córsega, morada de bárbaros. Contudo, nesta solidão e desamparo, concentrou-se nos estudos e meditação filosófica. Este mesmo lugar de sofrimento tornou-se em pouco tempo fonte da estrutura de sua personalidade filosófica.

O imperador casou-se em seguida com Agripina. Com a intervenção de Agripina, Sêneca retorna a Roma. A nova esposa de Cláudio, entrega a educação de Nero a Sêneca. Ela, habilidosa e ambiciosa, conquistou-lhe a alma e obteve a adoção do seu jovem filho Nero do primeiro matrimônio como sucessor imperial. Quando Cláudio tomou consciência da trama, tentou revogar o ato de adoção, mas era tarde: morreu por envenenamento, segundo se crê. Foram cinco anos de magistério, quer dizer, até 54, quando Cláudio foi assassinado, ou melhor, envenenado, quem sabe? Conforme voz corrente, por Agripina! Solicitações da própria esposa para que o Senado decretasse honras divinas ao marido. Este ato do Senado excita a revolta em Sêneca que escreve uma sátira violenta - motivo deste nosso estudo - contra a vileza deste mesmo Senado. Embora alguns a entendessem como vingança pessoal, o fato é que na História se manifesta como ato cívico. Não há censura contra o morto, mas contra o Senado, uma assembléia subserviente aos caprichos de Agripina. Até Nero, agora imperador, riu do motivo da morte de Cláudio: denominou os cogumelos alimento dos deuses, pois Cláudio realizou a apoteose graças a isso.

Ora, se os primeiros sete anos de Nero lembraram os de Augusto, com Sêneca como conselheiro, como admitir o período negro, senão por influência de Agripina? Sêneca perdeu o apoio de Afrânio Burro, que, segundo se crê, morreu por envenenamento. Então, Sêneca propõe devolver sua riqueza e afastar-se da vida pública. Nero, que já tentara envenená-lo, ávido dos bens do velho mestre, atendeu ao primeiro pedido, mas não ao segundo. Embora, em extrema pobreza, Sêneca continua acusado de receber benefícios, como outros o fizeram por tática aliciadora de Nero, ou seja, uma vez agraciado com dinheiro, isto é, cúmplice, calaria perante as

atrocidades do imperador. No ano de 65 foi descoberto um motivo para eliminar de vez o velho preceptor: uma conjuração contra Nero, chefiada por Calpúrnio Pisão, apoiado por importantes personalidades civis e militares. Foi publicada a participação de Sêneca na conjuração e a sua conseqüente condenação à morte: suas veias são cortadas por ele mesmo, cumprindo a sádica determinação imperial, mas muitas feridas não são suficientes; bebe, então, veneno e cumpre a terrível ordem, legando ao mundo uma morte exemplar.

2 – Comentários sobre *Apokolokýntosis*

Primeiramente, cabe algumas considerações sobre os elementos estilísticos desta sátira menipéia: 1) a mixórdia: prosa e verso, como era a *Satura lanx*, a bandeja das primícias, uma mistura de frutos e assimilação dos *histriones* da Etrúria; 2) o assunto de cunho popular e variado; 3) imaginação fantástica; 4) exame distanciado do argumento. O Opúsculo é uma paródia das célebres apoteoses na velha Roma dos césares, as quais foram decretadas pelo Senado a propósito de uma estrela cadente na data da morte de Júlio César, conforme crença popular e consagração pelo grande vate Vergílio, conforme uma das alusões (*sidus Julium*) nas *Bucólicas*: *Daphnis ego in silvis hinc usque ad sidera notus / Formosi pecoris custos formosior ipse.*, *Eu fui conhecido como Dáfnis nas selvas (e) nos astros; / Belos rebanhos eu guardava, sendo eu mais belo.*

O título dado por Sêneca fora *Ludus de Morte Claudii Caesaris*, ou *Divi Claudii Apotheosis per satiram*, ou ainda simplesmente *Ludus*, mas a obra se immortalizou com o título *Apokolokýntosis* – a metamorfose da abóbora - expressão do historiador Díon Cássio (II d.C.).

Logo no início, parodiando também o estilo dos historiadores, como Tácito, que inicia os seus *Anais* com o clássico *Sine ira et studio, sem ira e com escrúpulo*, diz-nos Sêneca *Nihil nec offensae nec gratiae dabitur, sem ofensas e sem favorecimentos* ele pretende transmitir para a História os acontecimentos, ocorridos nos céus do dia treze de outubro, início de uma nova era de felicidade, *initio saeculi felicissimi*. Reconhece que sua liberdade foi recuperada no instante em que *aquele que tinha demonstrado a verdade do provérbio: um homem nasce ou rei ou idiota, Qui verum proverbium fecerat, aut regem aut fatuum nasci oportere.*

Sem dúvida, a alternativa *aut*, neste contexto lingüístico, denota *et*, de valor aditivo e não o sentido excludente, porque, como veremos, trata-se de uma ironia. Como Cláudio coxeasse, o caminho percorrido por ele não é o mesmo percorrido por Júlio César, Augusto César e Tibério, respectivamente. Estes realizaram a apoteose, divinização digna de *Imperator Romanus*.

O itinerário ridículo de Cláudio foi visto *passinho por passinho*, *non passibus aequis*, passagem que parodia a *Eneida*, de Vergílio(II,724 – quando o pequeno Iulo segue o pai *non passibus aequis*) Recordemos aqui uma aula apostilada pelo Prof. Olmar Guterres: *Convenhamos: não é a Apokolokýntosis - a incucurbitatio? - a face risível da consecratio?* Assim, a paródia subverteu o *status quo* da tradição homérica presente na épica vergiliana, pois a condição do discurso épico é a *timé*, a honra pessoal do herói e *areté*, a sua excelência: mas Cláudio fora *rex, sed fatuus*. Insinua-se que o leitor pergunte, *quaerito ab eo qui Drusillam euntem in caelum vidit*, isto é, ao senador Lívio Gemínio – *curator* da Via Ápia, por imensa quantia testemunhou a subida de Júlia Drusila aos céus-, realizando, pois, a apoteose. Note-se que *quaerito*, uma derivada de *quaero*, é de aspecto iterativo, cuja tradução em francês forçou Ernout & Meillet (1985: verbete *Quaero*) a uma frase: *chercher sans cesser*, acompanhada da observação: *usité surtout dans la langue des comiques*. Ora um escritor com a lima de Sêneca! É que o emprego de linguagem mais próxima do povo é outra característica da sátira menipéia.

Na segunda parte, seguem-se clichês característicos da mediocridade da poesia épica da época de Cláudio. De lá, o autor retira expressões extravagantes como *deformis hiems, o deforme inverno; gratos honores divitis autumnii, os agradáveis presentes do opulento outono...* Para em seguida retomar a clareza de informação: *Puto magis intellegi, si dixeró:, julgo mais claro, se disser assim*. Ocorreu o falecimento de Cláudio no dia 13 de outubro. Não sabe se dizer a hora exata, alegando que é mais fácil conquistar acordo entre os filósofos do que entre os relógios. Mesmo presumindo que foi entre meio-dia e a primeira badalada, a História registra que foi um pouco antes, mas a passagem dele para o além só foi anunciada depois de haver o acordo do sucessor. Todo esse relato é sucedido, como se nota, com uma ponta de ironia: *E tu queres deixar de lado uma hora tão bela? Tu sic transibis horam tam bonam?*

O último suspiro de Cláudio, na terceira parte, é submetido impiedosamente ao ridículo. Narra-se que ele se predispôs a ir embora, mas não encontrou uma saída. Por benevolência de Mercúrio, que advertiu uma das Parcas, responsáveis pelo destino dos mortais no mundo latino (no grego Moira). Nessa advertência, assinalou que Cláudio era infeliz e sofria muito, pois durante 64 anos *brigou com a própria alma, cum anima luctatur*. Finalmente, ordenou que se cumprisse o dever. Cloto, retrucando, argumentou que deixou para ele poucos dias, para ver se o mesmo concederia cidadania aos poucos que não a possuíam. O que a História relata sobre isso é que Cláudio teve a intenção de nivelar os súditos, mas Messalina e os libertos manipularam a cidadania num corrupto mercado de negociatas.

Na assembléia dos deuses, na quarta parte, Apolo, deus caro a Augusto, exalta o novo César, Nero, que forma uma oposição a Cláudio, quanto ao desempenho excelente no início de seu governo. Em relação a Cláudio, até mesmo o último suspiro não escapa do sarcasmo: *vae me, puto, concacavi me. Quod an fecerit, nescio: omnia certe concacavit., ai de mim, acho que me sujei. O que teria feito, eu (narrador) não sei: ele, com certeza, se sujava em todos os lugares*. Suetônio afirma que era plano de Cláudio decretar uma permissão aos convidados para emitir durante o banquete flatulências do estômago e ventosidades dos intestinos.

É anunciada a Júpiter, quinta parte, a chegada de um certo fulano, cuja característica mais emblemática é a de coxear. Como Júpiter, em diálogo com ele, não consegue entendê-lo, Hércules, porque viajara o mundo inteiro, entra em cena, e se incumbem do visitante, já que estava convencido que estaria diante do seu décimo terceiro trabalho. Hércules, então, através de uma paródia de Homero, lhe pergunta: *Qual o teu nome? O teu povo? A cidade em que moras? Os pais?*(*Odisséia*, 1,170)

Em resposta, outra paródia de Homero: *De Ílio os ventos levaram-me à terra onde os Cícones moram*.(Ibidem, IX,39)

O narrador-historiador Sêneca é mordaz: *Erat autem sequens versus verior, aequo Homericus:; entretanto, seria mais verdadeiro o verso seguinte, igualmente homérico: Onde toda a cidade saqueei, destruindo os seus homens*.

Faltam algumas passagens da sétima parte nos códices⁶. Interpreta-

se que Cláudio tenha convencido Hércules, uma vez que ele consegue finalmente entrar no salão dos deuses, o qual é uma paródia do senado romano.

Há um deus da cúria discursando⁷ ou paródia de um deus das emblemáticas assembléias épicas que contempla o pedido de apoteose de Cláudio. Indaga que deus almeja Cláudio como o seu benfeitor: *Stoicus? Quomodo potest “rotundus” esse, ut ait Varro, “sine capite, sine praeputio”?*, Um deus estóico? Mas como poderia ser “redondo” – como o disse Varrão – “sem cabeça e sem prepúcio”? O fundador da sátira menipéia, Varrão (116-27 a.C.), ridicularizou em suas *Sátiras Menipéias* o panteísmo estóico, identificando-o com um universo esférico.

Na décima parte, a vez de Augusto, cujo governo de Roma é considerado a Idade de Ouro, chegou. Exprime inicialmente que *sempre só cuida de si mesmo, semper meum negotium ago. Sed non possum amplius dissimulare, et dolorem, quem graviorem pudor facit, continere. Mas não posso ficar (agora) indiferente e sufocar uma dor, que minha reserva tornaria ainda mais dura.* A seguir, pergunta se não foi para isso que procurou na terra e no mar a paz; e se não foi para isso que ele, o divino Augusto, acabou com as guerras civis; também, se não foi para isso que ele edificou a Urbe com leis, ornamentou-a com obras públicas, a fim de que... Vale a pena ler o texto latino, cuja a tradução qualquer leitor iniciado em latim o fará com facilidade: *Ideo legibus urbem fundavi, operibus ornavi, ut...* Com estas frases, Augusto alude ao que ele próprio escreveu em seu testamento espiritual.

Não podíamos deixar de citar as palavras de Ettore Paratore(1983: 356):

As atitudes ideológicas enunciadas na ‘Eneida’ e na lírica civil horaciana encontravam perfeita correspondência na actividade do ‘princeps’ e no pulular de obras monumentais (‘Ara Pacis Augustae’, o Panteão, os arcos, as estátuas celebrativas), em que se afirmava a magnificência do domínio de Roma no apogeu, e triunfava, mesmo nas artes figurativas...

Na décima primeira parte, propõe a não concessão de julgamento,

paródia do que o próprio Cláudio praticava, e a respectiva retirada daquele recinto do processo de Cláudio que reivindica a sua própria apoteose; fecha sua sentença com o pedido de urgência da saída de Cláudio do recinto e do Olimpo. A moção de Augusto ganhou os votos da assistência. *Imediatamente, Mercúrio, o deus psicopompo – condutor das almas aos infernos, pegou-o pelo pescoço e o arrastou dos céus até aos infernos, Nec mora, Cyllenius illum colo obtorto trahit ad inferos, [a caelo]*

Enquanto percorriam pela Via Sacra – a mais importante de Roma com seus séquitos religiosos -, ficam estarelecidos com o que vêem: *Claudii funus esset, seria o funeral de Cláudio*. Descreve-se o esplendor do enterro, mas não como honra ao Imperador, mas pela alegria: *tum maxime reviviscerent, desde então recomeçavam a viver de fato*.

Na parte quatorze: *Então leva-o ao tribunal de Éaco – um dos três juízes do Hades; os outros dois são Radamento e Minos -, que instruía os processos conforme a lei Cornélia – lei que dava poder a uma comissão para julgar homicídio – paródia do tribunal romano⁸*.

É inscrita a causa contra Cláudio: *occisos senatores XXXV, equites R. CCXXI, ceteros ‘ósa psámathos te kónis te’ – paródia do verso homérico da Ilíada, IX, 185 -, mortos trinta e cinco senadores, duzentos e vinte e um cavaleiros romanos e, quanto aos outros... ‘quantos são os grãos de pó e areia’*.

Enfim, *Éaco o condena a brincar com dados, mas utilizando um copo sem fundo, Aeacus iubet illum alea ludere pertuso fritillo*.

Ettore Paratore (1983:590) depreendeu nesta obra de Sêneca alto grau de desenvoltura moderna, *o mais genuíno espírito aristofanesco; aqui tiveram a sua raiz o concílio dos deuses em “O balde roubado” de Tassoni, e o “O escárnio dos deuses” de Francisco Bracciolini*. Há presença dele também na literatura brasileira, inclusive em Machado de Assis, como bem testemunha Enylton José (1989: 37), observando a alusão feita a Sêneca, no capítulo IV das *“Memórias Póstumas de Brás Cubas”*, intitulado *“A Idéia Fixa”*.

Sêneca é o segundo elo da corrente da sátira menipéia a ser trilhada em seguida por Petrônio – seu contemporâneo, depois, por Luciano de Samósata (século II d.C.), no mundo grego, e, mais tarde, por outro poeta latino, o africano Apuleio, também século II d.C. Como se pode ver não é

apenas com os *moralis philosophiae libri*, livros de filosofia com moral que Sêneca alcançou renome, como é costume mencionar o seu prestígio entre os moralistas franceses. Afinado com os conflitos e angústias de seu tempo, nos legou os atos falhos e desencontros dos governantes da época dos Césares, mas captando o perene da essência da condição humana através do riso e, como mais modernamente se diz, da carnavalização, relacionando morte, tristeza, repressão, degradação moral e incontinência das necessidades fisiológicas com, respectivamente, vida, alegria, livre arbítrio, altivez e educação social.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS A TEXTOS:

- 1 - PETRONIUS. SENECA, *APOCOLOCYNTOSIS*. Respectivamente with na english translation by Michael Heseltine & with na english translation by W.H.D. Rouse, M.A, Litt. D. London: Harvad University, 1975.
- 2 - SÊNECA. *Medéia. Consolação à minha mãe Hélvia. Da Tranqüilidade da Alma. Apokolokýntosis*. Estudo introdutivo, notas e tradução de G.D.Leoni. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- 3 - VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Introdução de Nogueira Moutinho. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

REFERÊNCIAS A ESTUDOS E COMENTÁRIOS:

- 1 - BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- 2 - CEBE, Jean-Pierre. *Varron, Satires Ménippées*. Édition, Traduction et Commentaire. Paris: E. de Boccard, 1972.
- 3 - ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine: Histoire de Mots*. Paris: Klincksieck, 1985.
- 4 - GAZOLLA, Rachel. *O Ofício do Filósofo Estóico: o duplo registro do discurso stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.
- 5 - PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa, S.J.Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

- 6 - PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-português e Português-grego*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.
- 7 - REGO, Enylton José de Sá. *O Calundu e a Panacéia – Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- 8 - SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- 9 - YELA, Juan Francisco. *Sêneca*. Barcelona: Labor, 1947.

NOTAS

¹ Todos os textos latinos foram traduzidos por mim.

² apud Tassilo Orpheu Spalding. Sêneca.

³ Sêneca, Hercules Furens, verso 160.

⁴ PARATORE, Ettore. p. 578.

⁵ Sêneca..

Obras. Estudo Introdutivo, p.15.

⁶ Objeto de estudo da bibliologia, que é a ciência que esclarece a composição material dos livros em todos seus aspecto

⁷ Local onde o senado se reunia.

⁸ *Ducit illum ad tribunal Aeaci: is lege Cornelia quae de sicariis lata est, quaerebat.*